

MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PERCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFPEL

BASTOS, Caciele Guerch Gindri de¹; GIL, Robledo Lima²; LAURINO, Débora Pereira³.

¹Acadêmica da Universidade Federal de Pelotas, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas;

²Professor da Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Microbiologia e Parasitologia; Doutorando da Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental; ³Professora da Universidade Federal do Rio Grande

cacielegindri@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Discussões que envolvem o Meio Ambiente (MA) e a Educação Ambiental (EA) vêm ganhando terreno ao longo dos tempos e se tornando temas de muitos debates devido ao aumento das preocupações com a reciclagem de materiais, emissão de gases, desperdícios, entre outros. Mas, num mundo capitalista, onde o consumismo é incentivado, esse tema, na maioria das vezes, não passa de mera discussão, ficando longe do êxito em sua prática.

Diante da visão atual para com a problemática ambiental, precisamos avaliar nossas ações e revermos até que ponto estamos envolvidos com tal questão, para que esta não fique apenas como um discurso meramente “naturalista” (SAUVÉ, 2005).

Para que EA sirva como ferramenta que possibilite respostas que vão além do diálogo, precisamos expor seus conceitos de forma mais clara, valores e atitudes precisam ser mudados e isso só ocorre se os indivíduos envolvidos passam pelo processo de sensibilização.

A Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida (SATO, 2002, p.23-24).

Para Jacobi (2003), a interdisciplinaridade através de profissionais capacitados, pode contemplar inter-relações do natural com o social e poderão assim, levar a uma perspectiva de sustentabilidade socioambiental.

A dimensão ambiental configura-se crescentemente como uma questão que envolve um conjunto de atores do universo educativo, potencializando o engajamento dos diversos sistemas de conhecimento, a capacitação de profissionais e a comunidade universitária numa perspectiva interdisciplinar. Nesse sentido, a produção de conhecimento deve necessariamente contemplar as inter-relações do meio natural com o social, incluindo a análise dos determinantes do processo, o papel dos diversos atores envolvidos e as formas de organização social que aumentam o poder das ações alternativas de um novo desenvolvimento, numa perspectiva que priorize novo perfil de desenvolvimento, com ênfase na sustentabilidade socioambiental (p.190).

Esse trabalho tem como objetivo fazer um levantamento sobre as percepções dos acadêmicos de Ciências Biológicas frente a questões ambientais específicas.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Os sujeitos desta pesquisa foram acadêmicos do Curso de Ciências Biológicas da UFPEL (bacharelado e licenciatura), participantes da XII Semana Acadêmica do referido curso, ocorrida em 2011. A coleta dos dados realizou-se num grupo de 50 acadêmicos dos cursos em questão, com o intuito de mapear as percepções dos acadêmicos sobre MA e EA. Estes receberam um formulário padronizado com respostas de múltipla escolha na qual continha quinze afirmativas sobre questões ambientais específicas¹, tais como: mudança de atitudes, interdisciplinaridade, consumismo, produção de lixo, influência da mídia, entre outros.

O processo de análise dos dados teve influência da análise documental (MENGA; LÜDKE, 1986; MINAYO, 1993; BOGDAN; BIKLEN, 1994; BAUER; GASKELL, 2008; GIL, 2008), utilizada para buscar elementos referentes à percepção dos acadêmicos frente ao MA à EA.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destacamos que a intenção da pesquisa foi compreender as percepções sobre MA e EA que “circulam” dentro dos grupos de futuros Biólogos e Professores de Ciências e Biologia, na tentativa de identificar encontros e desencontros em suas manifestações além, do intuito de gerar discussões *a posteriori* sobre o assunto.

A Tabela 01 ilustra o número absoluto e o percentual relativo das respostas assinaladas pelos sujeitos desta pesquisa para cada uma das afirmativas propostas. Destacam-se com sombreado na cor cinza os resultados considerados majoritários.

Tabela 01. Resultado das alternativas escolhidas pelos sujeitos de pesquisa de Gmap1 para cada uma das afirmativas propostas dentro da “Escala PAI”

	Concordo Fortemente	Concordo Parcialmente	Indiferença	Discordo Parcialmente	Discordo Fortemente
1. Estaria disposto a mudar os seus hábitos a favor do meio ambiente.	23 46%	27 54%	----	----	----
2. A biologia deve ser o único campo responsável por desenvolver trabalhos de educação ambiental.	1 2%	2 4%	1 2%	15 30%	31 62%
3. Vivemos numa sociedade consumista, onde somos o que temos e não o que realmente somos.	22 44%	22 44%	4 8%	1 2%	1 2%
4. É viável a redução do seu lixo produzido diariamente.	21 42%	24 48%	4 8%	----	1 2%
5. Para que se resolva a situação do lixo faz-se necessário unicamente a ação do poder público.	2 4%	----	1 2%	18 36%	29 58%
6. O consumo de plástico é algo que não precisa ser evitado, pois não traz consequências drásticas ao meio ambiente.	3 6%	----	1 2%	6 12%	40 80%
7. Somos influenciados pela mídia ao adquirir um produto que esteja na moda.	29 58%	14 28%	5 10%	1 2%	1 2%

¹ Este instrumento foi influenciado pela Escala NEP- “*New Ecological Paradigm*” original, revisada e abreviada, onde se utilizou a Escala Likert de cinco pontos (Concordo Fortemente- CF; Concordo Parcialmente- CP; Indiferença- I; Discordo Parcialmente- DP; Discordo Fortemente- DF). Cada acadêmico deveria marcar a resposta que mais se adequava para cada afirmativa proposta.

8. Ao longo do dia não há necessidade de diminuir a quantidade de resíduos produzidos por você.	2 4%	2 4%	3 6%	19 38%	24 48%
9. Você como graduando de ciências biológicas descarta o lixo adequadamente.	11 22%	16 32%	3 6%	17 34%	3 6%
10. Mesmo sem a necessidade, você compraria algo para sua própria satisfação.	8 16%	24 48%	11 22%	5 10%	2 4%
11. O meio ambiente conseguirá seguir seu curso normal mesmo que a espécie humana não se envolva.	4 8%	10 20%	5 10%	12 24%	19 38%
12. O lixo produzido no Instituto de Biologia não tem sua separação adequada por falta de estrutura básica.	19 38%	18 36%	4 8%	6 12%	3 6%
13. Você acha que o tema educação ambiental deva ser trabalhado nas diferentes áreas do conhecimento.	42 84%	8 16%	----	----	----
14. É possível substituir os copos descartáveis usados no Restaurante Escola por canecas reutilizáveis.	37 74%	12 24%	----	1 2%	----
15. Possuem lixeiras suficientes ao redor dos prédios no ambiente acadêmico.	1 2%	4 8%	2 4%	15 30%	28 56%

Mesmo em se tratando de questões ambientais tradicionalmente trabalhadas nos contextos acadêmico e escolar, entendemos que estas não perdem seu grau de relevância como “ponto de partida” para uma visão dentro da EA crítica (GUIMARÃES, 2004; LOUREIRO, 2009). Porém, devemos avançar quando se tem como proposta trabalhar com EA, primando por enfoques que superem os modelos fragmentários e racionalistas, atentando para questões de cunho social, político, econômico e cultural.

Os acadêmicos investigados entendem ser fundamental a mudança de hábitos frente às questões ambientais a fim de reduzir os impactos causados ao meio ambiente. Esta mudança, na concepção destes, perpassa por questões que envolvem a produção e a separação do lixo, bem como por outras atitudes efetivas junto ao poder público (o que sugere certo grau de atividade e não de passividade), sendo necessária a intervenção do homem (do eu mesmo) em prol da conservação do meio ambiente.

Como bem sinaliza Loureiro (2009, p.89), a EA transformadora (emancipatória, crítica) deve primar também pela atitude dos sujeitos

Em que não cabe mais esperar o milagre da mudança de circunstâncias a partir de uma elite intelectual ou econômica, ou pela pregação moralista, ou ainda pela mudança normativa, conforme apregoava no passado o materialismo vulgar [...] e ainda apregoa o idealismo e o naturalismo existente em certas tendências ambientalistas.

Portanto, existe a necessidade de mudança de postura frente às questões ambientais, tanto de pensamento quanto de ação propriamente dita. De acordo com Quintas (2000 apud Loureiro, 2009, p.91), o processo de conscientização dentro da tradição crítica e emancipatória da EA, deve se dar a partir da

[...] compreensão de que o desenvolvimento da capacidade teórica se dá no sentido da indissociabilidade entre esta e o agir em situações concretas do cotidiano de vida. [...] teoria sem prática é exercício racional abstrato sem efeito concreto, prática sem teoria é ativismo que não resulta em processos objetivos de mudança.

Segundo Guimarães (2004, p.86),

É preciso ainda e, sobretudo, mobilização, isto é, pôr a ação em movimento; incorporar em nossa interioridade (razão e emoção) a questão ambiental no cotidiano de nossa ação (exterioridade) como prioridade. Trata-se de uma mudança de atitude nossa com nós mesmos, em uma nova visão de mundo; nossa com os outros e o ambiente que nos envolve, em uma ação solidária.

Os resultados evidenciam também, que os acadêmicos têm dificuldades de por em prática suas concepções sobre EA, o que de certo modo é tolerável, pois a sociedade molda sujeitos consumistas e, até certo ponto, despreocupados com o destino de seus bens descartados por outro mais atual e moderno. Entretanto, não podemos nos tornar sujeitos passivos diante desta problemática, nós Biólogos e, portadores de referencial teórico a respeito do assunto, temos a obrigação de sermos cidadãos críticos e perpetuadores da mudança.

Ruscheinsky (2002) sugere que o envolvimento com a EA significa refletir a partir de problemas do nosso cotidiano e nossa razão, possibilitando um caminho aberto a todos.

4 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos nesta pesquisa puderam nos fornecer uma ideia do que pensam os acadêmicos de Ciências Biológicas em relação à problemática ambiental. Além disso, pudemos constatar até que ponto suas concepções e atitudes se convergem na coletividade.

Neste trabalho, ficou claro que os acadêmicos estão cientes diante dos problemas ambientais e tem conhecimento das atitudes a serem tomadas para tentar mudar essa realidade. Porém, diante de uma sociedade capitalista, onde a economia está como prioridade, torna-se difícil colocarmos ideias em ação e lutarmos contra essa visão hegemônica.

5 REFERÊNCIAS

- BAUER, M. W. ; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOGDAN, R. BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008
- GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papyrus, 2004.
- JACOBI, P. **Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade**. In: Cadernos de pesquisa, n. 118. Scielo Brasil, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf> > Acesso em: 05 de julho de 2012.
- LOUREIRO, C. F. B. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- LÜDKE, Menga; André, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2007.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo- Rio de Janeiro, 1992.
- RUSCHEINSKY, A. (org.). **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.
- SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2002.

SAUVÉ, L. **Uma cartografia das correntes em educação ambiental.** In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: ARTMED, 2005.